

## A Psicologia Ecológica e o estudo dos acontecimentos da vida diária

**Clarisse Carneiro  
Pitágoras José Bindé**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**Resumo:**

Neste artigo os autores discutem a relação entre a Psicologia Ecológica (ou Psicologia Ambiental), e o contexto dos acontecimentos da vida diária. Com essa intenção, é oferecido um desenvolvimento histórico da Psicologia Ecológica desde as contribuições de Kurt Lewin para esta área, do precursor Roger G. Barker e seus associados, até os avanços atuais. Além disso, em particular, são discutidos aspectos relevantes do conceito de *behavior setting*, como as limitações e perspectivas da concepção barkeriana, os avanços para a análise de *behavior setting* e sua aplicabilidade para os diferentes setores da vida.

**Palavras-chave:**

Psicologia Ecológica, Psicologia Ambiental, análise de *behavior setting*, acontecimentos da vida diária.

**Abstract:**

*Ecological Psychology and the study of daily life events.* In this paper the authors discuss the relationship between Ecological Psychology (or *Environmental Psychology*) and the context of daily life events. With this purpose in mind a historical development of Ecological Psychology is offered, since the contributions of Kurt Lewin, the pioneer Roger G. Barker and followers, up to the present expansions of the area. Furthermore, this paper particularly discusses relevant aspects of the concept of *behavior setting*, such as the limitations and perspectives of Barker's creation, the expansion of *behavior setting analysis*, and its applicability to different life sectors.

**Key words:**

Ecological Psychology, Environmental Psychology, *behavior setting* analysis, daily life events.

## Introdução

Definida e desenvolvida por Roger Garlock Barker (Barker, 1968; Barker & Schoggen, 1973; Barker & Wright, 1954), a Psicologia Ecológica possui como objetivo, vista em sua globalidade, uma articulação teórica dos *acontecimentos da vida diária*. Acontecimentos da vida diária são fenômenos da vida real, tais como eles acontecem em condições de vida “natural” (utiliza-se aqui o termo “natural” para diferenciar daquelas condições mais ou menos artificiais, as quais são geradas ou manipuladas pelo experimentador).

No desenvolvimento de sua Psicologia Ecológica, Barker foi muito influenciado por sua esposa Louise, bióloga. Barker desejava descrever - do ponto de vista ecológico -, a organização dos *acontecimentos da vida diária*, que era seu interesse de pesquisa desde que era aluno e colaborador de Kurt Lewin. Barker foi assistente de pesquisa de Lewin em Iowa, juntamente com Herbert F. Wright. No modelo do *espaço vital* desenvolvido por Lewin (1965, 1973), o ambiente é visto como um campo subjetivo. Realmente, Lewin avançou no sentido de uma *ecologia psicológica* até às condições periféricas objetivas. Todavia, esta concepção foi apenas esboçada, não sendo trabalhada por Lewin como paradigma de pesquisa. Nessa relação foi que o seu colaborador Roger Barker verificou que havia algum tipo de déficit, ao qual atribuiu um significado especial na Psicologia. Isto foi para ele como uma mola propulsora para o desenvolvimento de uma Psicologia Ecológica.

Com a meta de estudar os *acontecimentos da vida diária*, foi que Barker e seus associados (Barker, 1968; Barker & Schoggen, 1973; Barker & Wright, 1954), fundaram uma estação de pesquisa chamada *Midwest Psychological Research Station*, na pequena cidade de Oskaloosa, no estado do Kansas, EUA. Barker e seus colaboradores se interessaram, inicialmente, pela vida diária de crianças em suas condições naturais. Crianças foram observadas durante o dia inteiro e o fluxo de comportamentos correspondentes (ou fluxo de ações) foi descrito em uma linguagem comum (Barker & Wright, 1954). A partir de tais observações, eles constataram que o comportamento de uma criança *não poderia ser gerado somente* a partir de suas necessidades individuais e metas correspondentes, como geralmente é aceito pela

Psicologia, mas que a ação parecia ser influenciada, essencialmente, pelos contextos especiais nos quais a criança correspondentemente se encontrava. Dessa forma, para cada um deste tipo especial de contexto, existia um modelo adequado de comportamento correspondente. Exemplificando: uma mesma criança se comportaria de maneira diferente em uma aula de matemática e em um jogo de futebol. A descoberta deste tipo especial de contexto, como referia Barker (1968), originou o que ele denominou de *behavior setting*.

*Behavior setting* é, segundo Barker (1968), a unidade ou conjunto natural relacionado com a organização dos *acontecimentos da vida diária*, na qual se desenvolve o comportamento ou a ação humana. Exemplos de *behavior settings* são uma aula de piano que acontece às quartas-feiras das 10:00 às 11:00 horas, uma reunião de um determinado sindicato que ocorre nos últimos sábados de cada mês, das 8:30 às 11:00 horas, a missa dominical das 19:00 horas, uma determinada audiência jurídica, um certo concerto de rock, entre outros. Esta unidade de acontecimentos supra-individuais que era, entretanto, nova para a ciência psicológica, foi pensada inicialmente em relação à observação do comportamento diário de crianças, porém esta averiguação foi logo generalizada para todos os indivíduos.

Após esta breve introdução, é possível visualizar o contexto da temática deste artigo. No entanto, a terminologia Psicologia Ecológica, tal como é utilizada aqui, ainda necessita de uma maior precisão.

#### *Considerações sobre a denominação Psicologia Ecológica*

As denominações *Psicologia Ecológica* ou *Ecopsicologia* utilizadas nos países de idioma germânico (originalmente *ökologische Psychologie* e, respectivamente, *Ökopsychologie*), correspondem ao que na esfera anglo-americana é designado como *Psicologia Ambiental* (do inglês *Environmental Psychology*). No âmbito anglo-americano (visto globalmente), a *Psicologia Ecológica* se caracteriza como aqueles trabalhos que são relacionados e orientados quase que exclusivamente à escola barkeriana (Barker, 1968; Barker & Schoggen, 1973; Barker & Wright, 1954). Já nos países de idioma tudesco a terminologia *Psicologia Ambiental* (sob a denominação *Umweltpsychologie*), se refere a todos os esforços da Psicologia como um todo, em relação

aos grandes problemas ambientais de nosso tempo (Kaminski, 1986). Quando nos remetemos à história dos países de idioma alemão, constatamos que a Psicologia do período posterior à Segunda Guerra Mundial, atentou com grande interesse ao *sentido ecológico* da Psicologia (aqui especificamente embasada em Barker). Com isso, um grupo de psicólogos criou junto à Sociedade de Pesquisa Alemã (*Deutsche Forschungsgemeinschaft - DFG*), um programa de pesquisa que em meados de 1978, iniciou suas atividades com projetos ecopsicológicos (Kaminski, 1986). Barker teve, e possui ainda, um enorme significado neste âmbito. Porém, o que atualmente se entende por *Psicologia Ecológica* na versão germânica, avança o modelo barkeriano, incluindo, igualmente, as críticas e os desenvolvimentos posteriores a este, correspondendo, portanto ao que, na esfera anglo-americana é chamado de *Psicologia Ambiental*.

Assim, quando no título deste artigo utilizamos a denominação *Psicologia Ecológica* nos referimos não somente ao modelo barkeriano, mas também a seus desenvolvimentos e avanços posteriores, tal como hoje em dia é tratado nos países de idioma alemão, o que corresponderia à *Psicologia Ambiental* anglo-americana.

#### *A concepção barkeriana de behavior setting*

No sentido de Barker, os *behavior settings* são entendidos ainda como unidades ou conjuntos naturais, limitados concretamente no tempo e no espaço, nos quais certos modelos de comportamento ou ação - que ocorrem dentro de um *milieu* (ou meio) mais ou menos específico -, acontecem sempre de forma semelhante. Barker falava de “padrões estáveis de comportamento” (*standing patterns of behavior*). Por *milieu* se entende as condições físicas e sociais imediatamente periféricas ao acontecimento. É fundamental estar atento ao fato de que o indivíduo no *behavior setting* não está somente em interrelação com o *milieu não-humano* (i.e., físico ou material-espacial), mas também com os outros participantes do *behavior setting*. Isso significa que os participantes do *behavior setting* são *milieu* uns para os outros, e isso ocorre especialmente através de suas atividades. Entre o *milieu* físico e social e o modelo de comportamento correspondente existe, via de regra, um ajustamento, uma congruência essencial,

chamado de “sinomorfia comportamento-milieu”. Sob a denominação *sinomorfia* (Barker, 1968) entende-se uma similaridade de estrutura entre o modelo de comportamento e o contexto sócio-físico correspondente. Isso implica dizer que um *behavior setting* pode conter um ou mais conjuntos de *sinomorfias comportamento-milieu*.

De acordo com Barker, nem todos os *acontecimentos da vida diária* têm o caráter de *behavior settings*. Ele e seus colaboradores (ver Barker, 1968; Barker & Schoggen, 1973; Barker & Wright, 1954) estipularam certas características que devem ser preenchidas, para que um *acontecimento da vida diária* possa ser chamado de *behavior setting*. Eles descreveram procedimentos, com a ajuda dos quais pode ser verificado se um acontecimento da vida diária caracteriza um *behavior setting*, ou não. *Behavior settings* são descritos, segundo Barker (1968), através de certas características, as quais se resumem, a saber:

- localização geográfica determinada;
- delimitação temporal (que pode se limitar a uma ocorrência em um certo dia, como um determinado concerto de *rock*, ou pode ocorrer em série, por exemplo o culto dominical às 19 horas);
- população (que participa do *behavior setting*, podendo a ela serem atribuídos diferentes atributos como, idade, sexo, classe social etc.);
- modelos de ação (no total onze categorias de atividades, por exemplo atividade educacional, de administração, de alimentação, de saúde física, profissional, recreacional, religiosa);
- mecanismos de comportamento (e.g., comportamento afetivo, de motricidade ampla, de motricidade fina, de falar e de pensar);
- inserção (diz respeito às posições funcionais correspondentes aos participantes ou a papéis de participação, sistematizadas em seis categorias, do *espectador* (é aquela pessoa que, embora presente, não participa formalmente dos modelos de ação do *behavior setting*, por exemplo, aquela

pessoa que acompanha uma amiga a uma consulta medica) e o *convidado* (é aquela pessoa que é bem-vinda no *behavior setting*, pode demonstrar aprovação ou desaprovação, mas participa neste com pouca força), até os *diretores* ou o *diretor* (que desenvolvem o papel de autoridade nas zonas de inserção mais centrais, por exemplo, o regente de uma orquestra que se apresenta na abertura de um festival de inverno);

- pressão (se refere ao grau de pressão de um *behavior setting* para que determinados grupos da população entrem e participem ou não dele ou de um outro determinado *behavior setting*);
- autonomia (grau de independência do *behavior setting* como um todo de influências externas);
- bem-estar (se refere ao grau em que o *behavior setting* satisfaz as necessidades de diferentes subgrupos de sua população).

A participação em um *behavior setting* é determinada, de certa forma, através de seu programa específico que, de alguma maneira, implica em um planejamento das atividades, as quais devem ocorrer em um determinado *behavior setting*.

O funcionamento total de um *behavior setting* foi articulado por Barker (1968) através de uma teoria processual. Ele utilizou a denominação *programa* para designar as seqüências prescritas de interações ou transações entre pessoas e objetos, em um determinado *setting*. Em outras palavras, é a descrição de atividades que ocorrem sempre de uma maneira semelhante em um *behavior setting*. Em primeiro lugar são aqueles que dirigem e desempenham funções nos *behavior settings* que cuidam para que os *programas* sejam desenvolvidos de acordo com os objetivos destes (chamados de *circuitos de programas*). Entretanto, os participantes individuais também procuram alcançar suas expectativas e objetivos ou necessidades individuais específicas no *behavior setting*, (chamados de *circuitos de objetivos*). Além destes dois tipos de ações, Barker identificou ainda um terceiro tipo que serve para a manutenção do sistema como um todo (chamado de *circuitos de manutenção*). Estes três tipos de circuitos, ou estes três tipos

de objetivos, que possuem efeitos em um *behavior setting*, podem entrar em conflito uns com os outros.

*Behavior settings* com programas semelhantes podem ser agrupados de acordo com aquilo que Barker (1968) denominou de *genótipos de behavior settings*, e isto em diferentes níveis de abstração. Por exemplo, todas as aulas de matemática do terceiro ano em uma determinada escola, podem formar um tal genótipo. Em um nível de abstração mais elevado, todas as aulas de matemática do terceiro ano de todas as escolas de uma determinada cidade podem igualmente constituir um genótipo. Em um nível superior, todas as aulas de matemática de todos os anos escolares. Mais além deste nível de abstração, todas as aulas de matemática de um sistema escolar podem caracterizar um genótipo de *behavior settings*. E ainda, um *behavior setting* pode ter diferentes relações funcionais com outros *behavior settings*.

Embasado em suas investigações em uma pequena cidade nos Estados Unidos da América, Barker (1968) verificou que a teoria de *behavior setting* proporciona uma visão sistematizada da total variedade dos *acontecimentos da vida diária* abertos ao público (ou seja, fora da esfera privada). A metódica clássica barkeriana de descrição do *behavior setting* exige um enorme trabalho. Alguns autores (Fox, 1985; Fox & Glosch, 1980), entretanto, tencionaram desenvolver heurísticamente a aplicabilidade da teoria de *behavior setting* para uma abrangência de sistemas sociais maiores. Foi assim que, por exemplo, Fox (1985) procurou demonstrar que a metódica clássica de descrição do *behavior setting* seria aplicável e traria bons resultados para a preparação e apresentação da estatística econômica e social dos Estados Unidos da América.

#### *Críticas relacionadas à concepção barkeriana de behavior setting e seus desenvolvimentos posteriores*

A teoria de *behavior setting* foi, na maioria das vezes, criticada superficialmente na Psicologia e, visto de uma maneira geral, foi pouco observada e pouco utilizada (Kaminski, 1990). Por exemplo, a teoria barkeriana de *behavior setting* foi criticada por ser ainda orientada à uma concepção behaviorista e que seria dada muito pouca atenção às características psicológicas dos acontecimentos em *behavior settings*

e dos participantes destes (Argyle, Furnham & Graham, 1981). No entanto, cientes deste déficit, estes autores nem desenvolveram e nem avançaram na teoria barkeriana, no sentido de considerar aspectos emocionais e cognitivos dos participantes.

Por outro lado, alguns psicólogos, que em seus próprios trabalhos se fundamentam na Psicologia Ecológica ou Ambiental, cientes do grande avanço que a concepção de *behavior setting* poderia trazer à Psicologia e até mesmo para outras disciplinas, buscaram criticar construtivamente, atualizar e ampliar a concepção ou análise barkeriana de *behavior setting*. Isto foi feito principalmente através da verificação da aplicabilidade e da possibilidade e conseqüências de integração de teorias oriundas de áreas já fortemente estabelecidas na Psicologia - como por exemplo, Psicologia Social, Psicologia da Cognição, Psicologia da Ação (Kaminski, 1986; Schoggen, 1989; Wicker, 1987, 1992), no que tange à análise de *behavior setting*.

Como referido anteriormente, Barker limitou sua teoria de *behavior setting* aos acontecimentos públicos da vida diária, sendo que os acontecimentos na esfera privada das pessoas não foram considerados por ele (Kaminski, 1989). Com isto, Barker deixou de considerar tipos importantes de sistemas de acontecimentos. Além disso, abordou apenas superficialmente alguns tipos de sistemas de *acontecimentos da vida diária*, que sob aspectos psicológicos necessitam de uma descrição diferenciada, por exemplo, os acontecimentos em transportes de passageiros (ilustrando, acontecimentos em ônibus, em avião etc.), ou os acontecimentos em vias públicas (Molt, 1986), ou ainda, os *acontecimentos da vida diária* que se configuram por ocasião do surgimento de uma catástrofe (Carneiro & Bindé, 1996).

Wicker (1987), que também foi aluno e colaborador de Barker, se interessou principalmente em expandir, além do que Barker havia feito, as bases estruturais de *behavior settings*, que são, segundo Barker (1968), condições prévias para o funcionamento do programa do *behavior setting*. Com isto, o *behavior setting* se aproxima dos conceitos de *organização* ou de *subsistemas de organizações*. Exemplificando, um hotel, um restaurante, um presídio, um hospital psiquiátrico ou uma clínica para deficientes, poderiam ser abrangidos

desta forma. Com isto, Wicker se aproximou da aceitação de que tais tipos de sistemas devem ser primeiramente fundados, depois iniciados, que eles crescem, funcionam mais ou menos bem, se modificam e, eventualmente, desaparecem. Entendido desta maneira, os *behavior settings* possuem, por assim dizer, uma *carreira de vida*, i.e., passam por diferentes períodos de vida, denominado *ciclos de vida*. Outros autores, tais como Stokols & Shumaker (1981), também utilizaram este conceito neste sentido.

Wicker (1987), em sua concepção avançada do conceito barkeriano de *behavior setting*, diferencia três componentes conceituais, a saber:

- recursos (pessoas, objetos de comportamento, espaços, informações e reservas, como dinheiro etc.);
- dinâmica interna (processos cognitivos e motivacionais das pessoas que participam do *behavior setting*, suas atividades e ainda processos sociais, de desenvolvimento e de transformações);
- contexto (condições socio-culturais, jurídicas, econômicas, históricas e ainda a rede de ligações funcionais de um *behavior setting* com outros. Com isto o *behavior setting* é considerado, mais do que em Barker, como um sistema aberto, que mantém diferentes relações de trocas com a sua periferia, que é dinâmico e está em constante transformação (Kaminski, 1990; Wicker, 1987).

Alguns autores (Kaminski, 1990; Kruse, 1986; Wicker, 1987, 1992; entre outros) defendem a idéia de interpretar psicologicamente os acontecimentos dinâmicos de um *behavior setting*, i.e., de *torná-lo psicológico*. Isto deve possibilitar que através de concepções teóricas psicológicas (por exemplo, teorias de ação ou teorias de *coping*), *behavior settings* de todos os tipos possam ser descritos e interpretados, não apenas como um conjunto de acontecimento supra-individuais, mas também sob a perspectiva do indivíduo.

Se por um lado, o método de descrição barkeriana (*behavior setting survey*) é extremamente trabalhoso, por outro lado ele é ainda muito superficial. Por isso, este método foi muito criticado. Com base

nisto foi defendida uma “liberalização” deste método (Kaminski, 1989, 1990; Wicker, 1987).

No entanto, justamente quando se tem por meta interpretar os sistemas de acontecimentos naturais da vida diária humana, ou dito de uma outra forma, interpretar os acontecimentos em *behavior settings*, sem desprezar respectivamente o todo destes sistemas, aparecem problemas. Alguns exemplos destes poderiam ser, sumariamente, descritos:

- Que partes do complexo *behavior setting* devem ser consideradas e até onde estas devem ser detalhadas e aprofundadas ?
- Como que os modelos e teorias psicológicas podem colaborar e serem integrados à análise do *behavior setting* ?

Tais indagações nos deixam reconhecer e constatar que pode ser muito útil desenvolver um sistema de interpretação próprio de acordo com o interesse de investigação em questão, ou seja, *um paradigma próprio, construído pelo próprio investigador, para interpretação de sistemas de acontecimentos.*

A *análise de behavior setting vinculada a um paradigma* (do cenário ecopsicológico alemão “paradigmengebundene Behavior setting-Analyse”) (Kaminski, 1983, 1986, 1990) oferece a base para a construção de diferentes paradigmas específicos, os quais podem ser construídos de acordo com os interesses de pesquisa em questão. No total são apresentadas oito áreas de categorias, cada uma ainda diferenciada de acordo com certos graus de detalhamentos. Para ilustrar, áreas tais como: implicações sociais; diferenciação da atividade; correspondência atividade-ator, diferenciação do ambiente, diferenciação da inter-relação ambiente-atividade, entre outras. Desta maneira, é possível optar pelos graus de detalhamento em cada área de categoria. Esta base teórica para a construção de um paradigma já foi utilizada por outros autores, por exemplo, para análise de acontecimentos da atividade esportiva (Fuhrer, 1984) e para a análise de sistemas complexos de acontecimentos na prevenção e no combate de catástrofes (Carneiro & Bindé, 1996).

A análise de behavior setting vinculada a um paradigma possui, como referido anteriormente, certos componentes fundamentais

conceituais, os quais possibilitam construir e gerar um sistema teórico de acordo com o interesse de pesquisa do investigador. Com isto, para ilustrar, determina-se como deve ser a coleta de dados para uma certa análise de *behavior setting*, que tipos de dados seriam suficientes para isto e quais não seriam. Embasado em um paradigma construído desta forma, problemas de pesquisa podem ser levantados e investigados em detalhes, localizando-os no fluxo de acontecimentos da vida diária. Isto funciona de acordo com o princípio de *blocos de construção* e possibilita que diferentes teorias específicas possam ser localizadas sistematicamente em suas relações com a análise de *behavior setting*, gerando inclusive a integração destas na análise. Além disso, deste modo podem ser identificados certos déficits nas teorias psicológicas, proporcionando assim, o avanço científico.

*Por quê priorizar a análise de behavior setting para a articulação teórico-descritiva dos acontecimentos da vida diária?*

A concepção de *behavior setting* oferece a possibilidade de ordenar e taxonomizar os *acontecimentos da vida diária* em unidades ou conjuntos de acontecimentos naturais e, ao mesmo tempo, de compreendê-los e analisá-los como subsistemas de conjuntos de acontecimentos estruturais e funcionais superiores (exemplificando, instituições, subsistemas da organização política de um município, estado ou país).

A concepção de *behavior setting* possibilita uma interpretação e análise simultânea das unidades básicas espaciais-materiais e sociais, nas quais se realizam ou se desenvolvem concretamente os *acontecimentos da vida diária*. Tais acontecimentos ocorrem em diferentes áreas, por exemplo, acontecimentos na área da saúde (em hospitais, em clínicas), na área da educação e da ciência (nas pré-escolas, nas escolas, nas universidades, nos institutos, nas academias, nos centros de pesquisa), na área da cultura, do lazer e do esporte (em um auditório, em um parque de diversões, em um estádio de futebol), entre outros mais. Assim, a diferenciação de tais áreas ou setores da vida deve ser realizada em vários níveis, dependendo daquilo que se deseja investigar. Portanto, busca-se um detalhamento de *tipos de*

*acontecimentos* cada vez mais específicos (i.e., até o acontecimento *andar de carrossel*, como um acontecimento integrante da área denominada *cultura, lazer e esporte*).

Devemos ainda lembrar que em alusão à base do conceito de *behavior setting*, uma pequena cidade foi descrita em todas as suas unidades funcionais públicas (Barker & Schoggen, 1973), e que, posteriormente, Fox (1985) utilizou o conceito de *behavior setting* como base para obter um panorama da vida diária humana de todo um país.

Finalmente, a concepção de *behavior setting* possibilita analisar qualquer área ou setor da vida diária real, conforme os objetivos e problemas em diferentes graus de detalhamento, como proposto pela *análise de behavior setting vinculada a um paradigma* (Kaminski, 1983, 1986, 1990).

A concepção de análise de *behavior setting*, tal como foi descrita aqui, é aberta a críticas e avanços científicos que estejam em concordância com desenvolvimentos posteriores na formação de teoria psicológica e, principalmente, com pesquisas empíricas na área, já que a análise de *behavior setting* deve ser aplicável para a descrição e interpretação da variedade de *acontecimentos reais da vida diária*.

### Referências

- Argyle, M., Furnham, A., & Graham, J. A. (1981). *Social situations*. London: Cambridge University Press.
- Barker, R. G. (1968). *Ecological psychology*. Stanford: Stanford University Press.
- Barker, R. G., & Schoggen, P. (1973). *Qualities of community life: methods of measuring environment and behavior applied to an American and an English town*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Barker, R. G., & Wright, H. F. (1954). *Midwest and its children. The psychological ecology of an American town*. New York: Evanston.
- Carneiro, C. & Bindé, P. J. (1996). *Elementos constituintes de uma heurística fundamental (eco-)psicológica para identificação de problemas no combate e na prevenção de catástrofes*. Tese de doutorado não publicada, Eberhard- Karls Universität Tübingen, Tübingen, Alemanha.
- Fox, K. A., & Glosk, S. K. (1980). Social accounts for urban-centered regions. *International Regional Science Review*, 5, 33-50.

- Fox, K. A. (1985). *Social system accounts - linking social and economic indicators through tangible behavior settings*. Dordrecht, Holland: D. Reidel.
- Fuhrer, U. (1984). *Mehrfachhandeln in dynamischen Umfeldern: Vorschläge zu einer systematischen Erweiterung psychologisch-handlungstheoretischer Modelle*. Göttingen: Hogrefe.
- Kaminski, G. (1983). Methodologische Probleme und Konsequenzen der Anwendung handlungstheoretischer Konzepte. In J. P. Janssen & E. Hahn (Orgs.), *Aktivierung, Motivation, Handlung und Coaching im Sport* (pp. 206-220). Informe sobre o 3. simpósio internacional do grupo de trabalho sobre psicologia do esporte na Alemanha, realizado de 3 a 5 de junho de 1982. Kiel: Schorndorf.
- Kaminski, G. (1986). Paradigmengebundene Behavior Setting Analyse. In G. Kaminski (Org.), *Ordnung und Variabilität im Alltagsgeschehen* (pp. 154-176). Göttingen: Hogrefe.
- Kaminski, G. (1989). *Das Alltagsleben in städtischen Lebensräumen unter ökologisch-psychologischer Perspektive*. 3-4 März. Tübingen: Eberhard Karls Universität Tübingen.
- Kaminski, G. (1990). Behavior setting-Analyse. In L. Kruse, C.-F. Graumann & E.-D. Lantermann (Orgs.), *Ökologische Psychologie: Ein Handbuch in Schlüsselbegriffen* (pp. 154-159). München: Psychologie Verlags Union.
- Kruse, L. (1986). Drehbücher für Verhaltensschauplätze oder Scripts für Settings. In G. Kaminski (Org.), *Ordnung und Variabilität im Alltagsgeschehen* (pp. 135-153). Göttingen: Hogrefe.
- Lewin, K. (1965). *Teoria de Campo em Ciência Social*. São Paulo: Pioneira.
- Lewin, K. (1973). *Princípios de psicologia topológica*. São Paulo: Cultrix.
- Molt, W. (1986). Die Behavior Settings Straßen. In G. Kaminski (Org.), *Ordnung und Variabilität im Alltagsgeschehen* (pp. 83-126). Göttingen: Hogrefe.
- Schoggen, P. (1989). *Behavior settings - a revision and extension of Roger G. Barker's Ecological Psychology*. Stanford: Stanford University Press.
- Stokols, D., & Schumaker, S. A. (1981). People in places: A transactional view of settings. In J. H. Harvey (Org.), *Cognition, social behavior and the environment* (pp. 441-488). Hillsdale: Erlbaum.
- Wicker, A. W. (1987). Behavior settings reconsidered: temporal stages, resources, internal dynamics, context. In: D. Stokols & I. Altman (Orgs.), *Handbook of Environmental Psychology* (vol. 1, pp. 613-653). New York: Wiley.

Wicker, A. W. (1992). Making sense of environment. In W. B. Walsh, K. H. Craik & R. H. Price (Orgs.), *Person-Environment Psychology: models and perspectives* (pp. 157-192). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.

Clarisse Carneiro é Doutora em Psicologia pelo Departamento de Psicologia Geral e Ecológica da "Eberhard-Karls Universität Tübingen", Tübingen, Alemanha e Professora Visitante junto ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pitágoras José Bindé é Doutor em Psicologia pelo mesmo Departamento da Universidade de Tübingen e Professor Adjunto no Departamento de Psicologia da UFRN. Ambos integram a Base de Pesquisa "Grupo de Estudos Pessoa-Ambiente", GEPA. Endereço: Caixa Postal 1564 (Campus UFRN), Cep: 59078-970, Natal-RN.

E-Mails: clarisse@ncc.ufrn.br e pjbinde@ncc.ufrn.br

*Sobre o autor*